

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

SOMOS HOMENS HUMANIZADOS, LETRADOS E....?¹ WE ARE HUMANIZED MEN, LEARNED AND?

Tamara Angelica Brudna Da Rosa²

¹ Artigo apresentado na disciplina Teoria da Atividade

² Aluna do curso de Doutorado em Educação nas Ciências

RESUMO

Este artigo aborda algumas ideias apresentadas nas obras de Leontiev acerca da Teoria da Atividade. Tais ideias estão ancoradas na abordagem sócio histórica na qual a ontogênese é levada em consideração, ressaltando a importância do entendimento de sua hereditariedade social, mais que sua hereditariedade biológica. A partir dessas abordagens, são feitas algumas aproximações com teorias do ensino da Língua Inglesa, em especial, no que refere-se a entendimentos sobre a linguagem, os signos e a significação, as aptidões considerando algumas inquietações sobre distanciamentos em relação a certas práticas institucionais escolares.

ABSTRACT

This article approaches some ideals presented in the works of Leontiev on the Theory of the Activity. Such ideas are anchored in the socio-historical approach in which ontogenesis is taken into account, emphasizing the importance of understanding their social heredity rather than their biological heredity. From these approaches, some approximations are made with theories of English language teaching, especially with regard to understandings about language, signs and meaning, the aptitudes considering some concerns about distancing oneself from certain institutional practices Schools.

1 A teoria de Leontiev

As ideias apresentadas na obra “O desenvolvimento do psiquismo” de Leontiev apresentam-nos a superação da concepção positivista do ser humano no campo da psicologia. Tal contribuição teórica torna possível a compreensão do psiquismo humano como algo que se desenvolve por meio do processo de inserção do indivíduo na cultura e nas relações sociais, ou seja, na sua ontogênese.

Neste texto de Leontiev podemos encontrar um pressuposto de suma importância para a compreensão de sua psicologia, qual seja, o fato de que o desenvolvimento do psiquismo humano é, de fato, histórico. Resumindo, o homem se torna homem, se torna humanizado, é um ser histórico e social.

Baseado em Engels, o autor sustenta que o homem tem uma origem animal, mas

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

(...) ao mesmo tempo (...) o homem é profundamente distinto dos seus antepassados animais e (...) a hominização resultou da passagem à vida numa sociedade organizada na base do trabalho; (...) esta passagem modificou a sua natureza e marcou o início de um desenvolvimento que, diferentemente do desenvolvimento dos animais, estava e está submetido não às leis biológicas, mas a *leis sócio-históricas*. (Leontiev, 1978, p. 262)

Neste sentido, o trabalho e a vida em sociedade são duas características da vida humana que vão permitir um salto de qualidade no desenvolvimento humano. O homem com “H maiúsculo” passa a ser visto aquém de suas limitações biológicas vindo a corroborar a sua condição humana. Devemos com isso salienta a ideia de que as habilidades e os comportamentos humanos, a partir daquele momento, não estavam mais previstos pelo código genético. Portanto, pode-se dizer que o homem não estava mais submetido às leis biológicas e sim a leis sócio históricas.

Além disso, é somente a partir do trabalho que o homem pode realizar o salto ontológico para dar existência ao mundo dos “Homens”, libertando-se apenas das leis biológicas - vale dizer, esfera orgânica, ou seja, os sentimentos, as ações, as habilidades e as características humanas historicamente acumuladas não estão previstas no código genético, impedindo, desta forma, qualquer concepção que naturalize estruturas e características psíquicas *a priori* constituídas.

Tal situação acontece porque os homens ao modificarem a natureza também se modificam. Ao criarem objetos, que nada mais são que produtos do trabalho, para satisfazerem suas necessidades estes homens iniciam um processo de desenvolvimento das forças produtivas, um processo que jamais poderia acontecer sob a regência de leis biológicas.

É graças ao trabalho, entendido como emprego de energia humana para a transformação intencional da natureza, que os homens se põem nos objetos, humanizando-os. Se pensarmos em qualquer objeto que esteja em nosso mundo material ou intelectual constatamos que eles são todos frutos da intervenção do homem.

Por conseguinte, pela atividade, os homens não fazem, senão, adaptar-se à natureza. Eles acabam por modificá-la em função do desenvolvimento das suas necessidades, criando os objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção desses objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas. Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens, o seu conhecimento do mundo circundante e deles mesmos enriquece-se, desenvolvem-se a ciência e a arte. (Leontiev, 1978, p. 265)

Sendo assim, é Leontiev que traz a explicação que muito se esperava: se o homem se libertou de suas limitações biológicas e criou o humano, como essas características passam de geração a geração se elas não podem fixar-se na herança genética? Segundo o autor: “Foi sob uma forma absolutamente particular, forma que só aparece com a sociedade humana: a dos fenômenos externos da cultura material e intelectual” (Leontiev, 1978, p. 265).

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

O homem, por meio de sua atividade sobre o mundo material, humaniza o mundo, isto é, ao mesmo tempo em que atua e trabalha, suas aptidões e conhecimentos vão se cristalizando, de certa maneira, nos seus produtos. Os objetos acabam por carregar em si a habilidade criada. Para exemplificar, poderíamos fazer um exercício de imaginar os objetos existentes e verificarmos como carregam nossos movimentos em suas formas. Isso porque estão ali cristalizadas nossas habilidades. Cada pessoa, portanto, ao nascer encontra um:

(...) mundo de objetos e de fenômenos criado pelas gerações precedentes. Ela apropria-se das riquezas desse mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram nesse mundo. (Leontiev, 1978, p. 266)

Segundo Leontiev, é por meio do desenvolvimento do psiquismo humano que surge a formação dos comportamentos complexos culturalmente instituídos, isto é, a formação das funções psíquicas superiores. O autor coloca ainda que as funções psíquicas são o produto da atividade conjunta de diferentes aparelhos receptores e efetores:

(...) ideia onde as funções fisiológicas adquirem uma significação específica que se exprime psicologicamente por uma qualidade original das sensações...o caráter específico de uma tal atividade assenta na união dos elementos e não nos próprios elementos e a formação destas funções (psíquicas) deve ser inteiramente atribuída às condições imediatas de vida, que agem durante o desenvolvimento individual. (Leontiev, 1978,p. 191)

1. **Estou apto!?**

Atualmente, muitas e muitas vezes dizemos que as novas gerações tem mais aptidões, são mais inteligentes que as antecessoras. Porém, para Leontiev não há aptidões e características especificamente humanas que tenham sido transmitidas por hereditariedade biológica, todas foram adquiridas no decurso da vida por um processo de apropriação da cultura criada pelas gerações precedentes. Dito de outra forma, o cérebro filogeneticamente é o mesmo mas um sistema funcional complexo, como se fosse uma constelação estelar. Podemos dizer então que cada indivíduo *aprende* a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. Para se tornar “Homem” ele ainda precisa adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana. (Leontiev, 1978, p. 267)

Nesta teoria sócio histórica encontramos as bases do entendimento do processo de desenvolvimento humano, bem como da relação de reciprocidade entre o homem e o mundo em detrimento as funções psíquicas superiores. Neste sentido, podemos dizer que devemos

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

compreender as relações intrínsecas entre as tarefas externas e dinâmica do desenvolvimento do sujeito pois é algo complexo vivenciado na escola, uma vez que nestas relações se engendra o processo do ensino e o processo da aprendizagem, processos os quais são inegavelmente e historicamente inerentes as instituições escolares.

Sob este viés, a aquisição de conhecimentos torna-se um processo que provoca igualmente a formação na criança de ações interiores cognitivas, isto é, de ações e de operações intelectuais. Isso serve de ponto de partida para a aquisição dos conceitos, nas suas ligações e no seu movimento.

Leontiev também enfatiza que o estudo deste processo é de extrema complexidade e que este processo revela mecanismo específico, isto é, o mecanismo de interiorização das ações exteriores. Nas concepções do autor, o conteúdo central do desenvolvimento da criança consiste na apropriação por ela das aquisições do desenvolvimento histórico da humanidade, em particular das do pensamento e do conhecimento humanos. Estas aquisições manifestam-se sob a forma de fenômenos exteriores - objetos, conceitos verbais, saberes.

Portanto, quando falamos de apropriação do instrumento e aprendizagem das habilidades, estamos nos referindo a uma apropriação das operações motoras que estão cristalizadas e incorporadas nos objetos. Por isso, dizemos que o processo é ativo para o homem, na medida em que é um processo de formação ativa de aptidões novas e de funções superiores que o hominizam.

Cabe ressaltar que, esse processo humano se dá em cada indivíduo da espécie que esteja vivendo em sociedade, mas é necessário compreendê-lo como um “(...) processo de reprodução, nas propriedades do indivíduo, das propriedades e aptidões historicamente formadas da espécie humana” (Leontiev, 1978, p. 270).

Quando o autor fala sobre apropriação, ele assevera que:

A principal característica do processo de apropriação ou de “aquisição” que descrevemos é, portanto, criar no homem aptidões novas, funções psíquicas novas, é nisto que se diferencia do processo de aprendizagem dos animais. Enquanto este último é o resultado de uma *adaptação* individual do comportamento genérico a condições de existência complexas e mutantes, a assimilação do homem é um processo de *reprodução*, nas propriedades do indivíduo, das propriedades e aptidões historicamente formadas na espécie humana. Leontiev (2004, p. 288)

O autor ainda afirma que a comunicação pela linguagem ou a aptidão para utilizar instrumentos e utensílios se transmite de geração em geração e são propriedades da espécie humana. (Leontiev, 1978, p.164). A apropriação requer produção de sentido e significados humanizados, ou seja, o lugar que o sujeito ocupa na relação social envolvida deve ser levado em consideração.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Pensando no contexto escolar, segundo esta teoria, o professor não é considerado como mediador, mas como o sujeito que possibilita a mediação através da palavra, conceitos. O professor não é um signo, o signo que ele utiliza que será o mediador.

2. Signos e significação

Aprender como espécie é diferente de aprender como cultura humana. Para tanto, devemos ter a compreensão do que representam os conceitos de signo e significação na obra de Leontiev.

Para Leontiev, o signo é reversível, ele sempre significa algo para quem recebe e também para quem emite. O signo opera na consciência e une autor e espectador em uma só pessoa. Como exemplo disso, podemos citar a interlocução: aquele que dirige a palavra ao outro também sofre os efeitos da sua própria fala. A significação é o que conecta a condição humana ao social, ou seja, que faz o homem passar do plano biológico para o plano da cultural. O autor afirma que:

Na qualidade específica (significação), isto é, enquanto sistemas que realizam o reflexo, elas só se manifestam actualizando-se, quer dizer, reproduzindo sob uma outra forma a atividade do sujeito relativamente à realidade reflectida, pois é precisamente a atividade que é o processo real, no decurso do qual o reflectido passa (é transferido) para o ideal, no reflexo." Leontiev, 1978, p. 200

Desde a consciência primitiva se tem uma significação social e individual que é o sentido, melhor dizendo, o ser humano se constitui pelo externo, pelas suas relações.

A compreensão da leitura supõe um manejo dos signos. Para compreender, é preciso estabelecer relações entre os diversos signos e deslocar a atenção dos signos isolados para fixá-la mais no todo.

Leontiev (1978, p. 184) afirma que:

(...)transformação gradual das acções exteriores em acções interiores, intelectuais, realiza-se necessariamente na ontogénese humana. (...) apropriação por ela das aquisições do desenvolvimento histórico da humanidade, em particular das do pensamento e do conhecimento humanos. (...) sob a forma de fenômenos exteriores-objetos, conceitos verbais, saberes.

Nessa concepção, as significações linguísticas coexistem com a esfera dos sentidos biológicos, "tal como coexistem ainda as relações socialmente mediatizadas do homem na

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

natureza com as numerosas ligações instintivas que ele mantém com esta.” (Leontiev, 1978, p. 101) A significação é o que conecta a condição humana ao social, ou seja, que faz o homem passar do plano da biologia para o plano da cultura. Portanto, os agentes externos que nos sensibilizam são os mesmos mas como nos relacionamos com eles.

Sob este paradigma, o conhecimento passa a ser entendido como a sua transmissão nos contextos sociais pelas interações e relações que estabelecemos com as pessoas que nos cercam. Essas interações, muitas vezes, definem como vamos aprender que instrumentos utilizaremos para alcançar nossos objetivos. Para entendermos a relação entre os usos sociais e funções da escrita e as práticas do cotidiano, devemos lembrar o conceito de cultura.

Assim, pode-se dizer que existem dois tipos de ferramentas para transformarmos a natureza, a cultura e nós mesmos: ferramentas que transformam os materiais e aquelas que nos auxiliam a transformar o simbólico. Nesse sentido, é fundamental se ter em mente que ensinar não é a mesma coisa que aprender. Eles são processos diferentes, primeiro porque é feito para o outro, e segundo porque é realizado internamente, sem que se possam categorizar diretamente os processos pelos quais se dá.

A capacidade de operar com signos e instrumentos é característica central de todas as funções psíquicas superiores. Por esse motivo, antes de explicar o que são signos e instrumentos e qual sua relação com a escrita, cabe, agora, retomar o que são e como se desenvolvem as funções psíquicas superiores, ou seja, os conhecimentos construídos historicamente são apropriados pelo indivíduo através da interação social e contato com a cultura.

Em qualquer situação, o que o professor não deve esquecer é que ele é um construtor de andaimes que criam condições para que os alunos internalizem o novo saber.

Assim, o conhecimento passa a ser entendido como a sua transmissão nos contextos sociais pelas interações e relações que estabelecemos com as pessoas que nos cercam. Essas interações, muitas vezes, definem como vamos aprender que instrumentos utilizaremos para alcançar nossos objetivos. Para entendermos a relação entre os usos sociais e funções da escrita e as práticas do cotidiano, devemos lembrar o conceito de cultura.

Assim, pode-se dizer que existem dois tipos de ferramentas para transformarmos a natureza, a cultura e nós mesmos: ferramentas que transformam os materiais e aquelas que nos auxiliam a transformar o simbólico.

Em suma, o signo é reversível, ele sempre significa algo para quem recebe e também para quem emite. O signo opera na consciência e une autor e espectador em uma só pessoa. Como exemplo disso, podemos citar a interlocução: aquele que dirige a palavra ao outro também sofre os efeitos da sua própria fala. A significação é o que conecta a condição humana ao social, ou seja, que faz o homem passar do plano da biologia para o plano da cultura.

1. A abordagem sócio histórica e a Língua Inglesa

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Não tem conhecimento mais importante do que outro, devemos sempre aprender com o outro. Portanto, isso vale também para o aprendizado da Língua Estrangeira. A compreensão não se reduz à reprodução figurativa do objeto e nem ao nome que corresponde à palavra fônica. Na aprendizagem de uma língua, a interação é imprescindível, pois a língua é por sua natureza social. Aprende-se uma língua para se comunicar com os outros, seja por meio escrito ou por meio oral.

Em qualquer situação, o professor não deve esquecer que ele é um construtor de andaimes que criam condições para que os alunos internalizem o novo saber. Nesse sentido, é indispensável a reflexão e o aprimoramento do fazer pedagógico dos educadores em relação à sensibilização do aluno produtor e interpretador de significados.

A partir dessa concepção, surgem questionamentos como: —por que os alunos devem aprender uma língua (seja ela estrangeira ou materna) na escola?; Queremos que os alunos aprendam regras gramáticas para passar em vestibulares ou para que eles se apropriem de recursos que alarguem sua capacidade de participação social?

Nesse sentido, cabe lembrar que a linguagem conforme Leontiev é:

(...) aquilo através do qual se generaliza e se transmite a experiência da prática sócio-histórica da humanidade; por consequência, é igualmente um meio de comunicação, a condição da apropriação pelos indivíduos desta experiência e a forma da sua existência na consciência. (Leontiev, 1978, p. 172)

Portanto, o que se aprende na interação é o modo de ser em sua comunidade sob uma perspectiva cultural do mundo. Dito de outra forma, “a produção da linguagem, como da consciência e do pensamento, misturada na origem, à atividade produtiva, à comunicação material dos homens.” (Leontiev, 1978, p. 87)

Sob esse viés, a linguagem não se resume apenas ao seu papel de meio de comunicação da humanidade mas também a forma e o suporte da generalização consciente da realidade.

Cabe ainda ressaltar que, sejam quais forem as razões - econômicas, diplomáticas, sociais, comerciais -, a necessidade de entrar em contato com falantes de outro idioma é muito antiga e que, ao longo da história, os avanços tecnológicos tem potencializado mudanças paradigmáticas no campo da educação. A educação existe quando o educador propõe um desafio, uma tarefa, uma situação prática e oferece uma série de meios e instrumentos a quem está sendo educado, de forma que o educando, apropriando-se deles, passe a integrar o conjunto de cidadãos através de novas interações sociais para as quais passa a estar mais preparado.

No caso da Língua Inglesa a partir desta concepção, sempre devemos levar em consideração alguns critérios de inclusão no processo de ensino e aprendizagem, tais como fatores históricos, fatores relativos às comunidades locais e fatores relativos à tradição. Além disso, é de suma

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

importância, como educadores, o entendimento do ensino da Língua Inglesa como processo sociointeracional, não estático, pois a língua é interação verbal.

No entanto, deve-se ressaltar que o processo de leitura em LI dar-se-á com mais eficácia se os educadores fizerem uso de certas estratégias de leitura que auxiliem os educandos no processo de compreensão. Sendo assim, a perspectiva é de que os envolvidos possam ser bem sucedidos em seus trabalhos de pesquisa, tanto em sua vida escolar, quanto social ou profissional.

CONCLUSÃO

As abordagens apresentadas por Leontiev enfatizam que o desenvolvimento das funções psíquicas humanas, que caracterizam o pensamento tipicamente humano, e as origens dessas funções devem ser buscadas nas relações sociais entre o indivíduo e os outros homens, pois são necessárias para sermos assim distinguidos dos outros animais, evidenciando novamente a importância das relações sociais na construção dos processos psicológicos.

Este autor buscou compreender as características especificamente humanas através do estudo da origem e desenvolvimento da espécie, considerando o trabalho e as criações decorrentes deste exercício coletivo como sendo o processo básico que vai marcar o homem como espécie diferenciada. Essas criações constituem a cultura, cuja transmissão e ressignificação, de geração em geração, torna o desenvolvimento humano de natureza cultural, isto é, não mais dependente da evolução natural.

Nesse sentido, pensando a partir de sua abordagem, poderíamos dizer que a educação como um todo é um dos ambientes da cultura em que a sociedade se reprocessa em uma operação sem fim, ressignificando conhecimentos, tecnologias, saberes e práticas, ou seja, os professores trabalham em territórios globais e culturais. Além disso, esses saberes são veículos para aprendizagem conceitual. Cada lugar é, a seu modo, o mundo. Todos os lugares são, portanto, virtualmente mundiais. Mas cada lugar, imerso numa comunhão com o mundo, se torna diferente dos demais. Sendo assim, pensamentos, experiências e valores expressos pela língua são indissociáveis. A língua tem o mesmo caráter dinâmico da cultura, pois ela também é um sistema aberto, o que possibilita uma grande variedade de usos, ou seja, um ato de linguagem nunca se repete, e cada interação tem uma nova unidade de informação.

Defendo, assim, que devemos reconhecer que dependemos da comunicação e do entendimento que ela nos fornece para termos acesso a todas as informações necessárias e importantes, seja na área profissional ou intelectual. Além disso, a experiência histórica faz parte do componente social do comportamento humano, pois permite que cada homem tenha acesso a informações e conhecimentos obtidos pela humanidade como um todo. Os animais, ao contrário dos homens, não têm experiência histórica.

O instrumento é sempre social, tanto porque seu emprego foi elaborado socialmente no transcurso do trabalho coletivo, quanto porque faz parte da cultura humana e medeia as interações do homem

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

consigo, com o outro e com o meio. Embora seja uma prática às vezes individual, é pela prática social que o indivíduo adquire o uso de instrumentos.

A escola é uma instância de ensinar e aprender, não está atrelada a somente um nicho sócio histórico, que não se tem como desvincular do humano. Reflexo, leitura, visão de mundo do que é realidade pela minha condição sócio histórico cultural, social não é natural.

Sendo assim, é inevitável que educadores da LI percebam e discutam a relevância de uma abordagem de sala de aula de acordo com a perspectiva sócio-histórica. Sob este paradigma, o aluno é um ser ativo no processo de aprendizagem, em que o —outro|| exerce papel fundamental em sua interação com o universo que o cerca, proporcionando assim um processo de socioconstrução de conhecimento, no qual seja entendido e levado em conta o momento sócio-histórico e cultural em que este mesmo processo de ensino e aprendizagem da língua esteja ocorrendo.

REFERÊNCIAS

LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.